

Rockefeller acha que com medidas corretivas Brasil evitaria o FMI

O Brasil não precisa submeter-se às recomendações do Fundo Monetário Internacional para concluir um acordo definitivo com os bancos estrangeiros. Basta que o governo adote medidas corretivas dos problemas atuais e consiga baixar a inflação, acelerar o crescimento econômico e aumentar as exportações. Esta é a receita do presidente do Conselho Consultivo Internacional da Sociedade das Américas e um dos maiores acionistas individuais do Chase Manhattan Bank, David Rockefeller.

Questionado quanto à compatibilização desse cardápio com a pobreza e desemprego no Brasil, Rockefeller admitiu que é preciso buscar um ponto de equilíbrio. "Os problemas sociais devem ser resolvidos", disse. Ele, entretanto, deu prioridade à questão econômica. "Algumas das medidas econômicas não poderão resolver de imediato os problemas sociais", acrescentou. Os 25 empresários e políticos de 11 países que integram a entidade assistiram, no Rio, a palestras de executivos como Peter Landsberg e Ozires Silva, durante dois dias. Hoje, o grupo, capitaneado por Rockefeller, chega a São Paulo.

Pragmatismo — Rockefeller, 71 anos e há seis afastado da diretoria executiva do Chase, continua pragmático. Tanto faz que as medidas corretivas resultem de uma iniciativa do governo ou do FMI. Os bancos estrangeiros querem que as medidas ajudem o país a restabelecer sua credibilidade financeira internacional", afirmou. Segundo ele, os credores estão dispostos a fazer empréstimos voluntários. "Os bancos estão ansiosos por chegar a um acordo e voltar a emprestar". As taxas de juros, contudo, "não deverão ser tão baixas ao ponto de desestimular os acionistas dos bancos", advertiu.

Rockefeller condenou o protecionismo econômico dos países. "A sensação nos Estados Unidos é que a política brasileira de informática é protecionista", criticou. Essa tendência também existe nos Estados Unidos. "Talvez possamos vir a proibir a importação de produtos brasileiros", acrescentou, sem entrar em detalhes sobre as retaliações. O Conselho ouve hoje em São Paulo palestra de Oliveira Ferreira e amanhã de Wolfgang Sauer, Paulo Villares, Alain Belda, José Mindlin e Eugênio Staub.